

AS ABORDAGENS ATUAIS NO ACONSELHAMENTO PASTORAL

Eurípedes Pereira de Brito¹

RESUMO

Este artigo procura examinar as atuais abordagens metodológicas das correntes de terapia secular e do Aconselhamento Pastoral, que indicam o relacionamento e a maneira de intervir do conselheiro com o aconselhando. Acredita-se que, além da teoria assumida para o processo de aconselhamento, a definição de uma abordagem com o aconselhando seja de suma importância para o processo de ajuda às pessoas. Aconselhar representa-se como uma tarefa complexa que exige, no processo de aperfeiçoamento, uma definição por uma linha de abordagem metodológica que responda o melhor possível aos desafios bíblicos no que diz respeito aos cuidados das pessoas. As abordagens, enquanto maneira de lidar com os aconselhados, mais conhecidas são: a abordagem diretiva, a abordagem não diretiva centrada na pessoa, a abordagem participativa firmada nas necessidades das pessoas, a abordagem de apoio centrada na libertação e no crescimento, a abordagem interpretativa centrada na Psicanálise. A pesquisa procura contribuir na compreensão dessas abordagens de forma crítica e analítica.

Palavras-chave: aconselhamento. Pastoral. Abordagem metodológica. Conselheiro.

ABSTRACT

This article seeks to examine the current methodological approaches to secular therapy currents and Pastoral Counseling, which indicate the relationship and the way in which the counselor intervenes with the counselee. It is believed that, in addition to the theory assumed for the counseling process, the definition of an approach with the advisee is of paramount importance for the process of helping people. Counseling represents a complex task that requires, in the improvement process, a definition by a line of methodological approach that responds as best as possible to biblical challenges with regard to people's care. The best known approaches, as a way of dealing with advisers, are: the directive approach, the non-directive person-centered approach, the participatory approach based on people's needs, the supportive approach centered on liberation and growth, the interpretative approach centered on psychoanalysis. The research seeks to contribute to the understanding of these approaches in a critical and analytical way.

Keywords: counseling. Pastoral. Methodological approach. Counselor.

¹ Eurípedes Pereira de Brito é doutor em Teologia Prática com ênfase em Aconselhamento Pastoral pela Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana no Brasil. É coordenador do Curso de Graduação em Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), e professor na área de Teologia Prática na FASSEB e no Seminário Presbiteriano do Brasil Central, ambas em Goiânia. Exerce o ministério pastoral na Igreja Presbiteriana Esperança em Goiânia. E-mail: euripedesbrito@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Carl Ranson Rogers (1902-1987), psicólogo norte-americano, desenvolveu uma teoria de terapia que surgiu como a terceira via (terceira força) entre os campos predominantes na Psicologia na metade do século 20: a Psicanálise e o Behaviorismo. Rogers criou a sua metodologia de aconselhamento totalmente centrada no cliente, não diretiva e facilitadora, numa perspectiva humanista. O *método não diretivo*, centrado no cliente, de Rogers, tem afetado o mundo ocidental de forma impressionante, tanto na área da terapia, como em processos de formação de liderança, e na educação. Jay Adams (1929-), considerado como aquele que resgatou o aconselhamento bíblico no contexto cristão, reagiu à proposta de Rogers e criou o Aconselhamento Noutético, com a *abordagem diretiva*. Quais são as outras possibilidades em termos de abordagem? Qual a melhor abordagem para o aconselhamento pastoral?

Por entender que é de suma importância discutir sobre o método de aproximação e abordagem do aconselhamento, o autor procura desenvolver essa reflexão em dois artigos, neste artigo, desenvolve-se uma análise das abordagens mais conhecidas na atualidade, e no próximo artigo a ser publicado, será apresentada a proposta da abordagem interpretativa centrada nas Escrituras Sagradas.

O objeto de pesquisa desse artigo, portanto, é a *abordagem metodológica* no aconselhamento. Com o termo *abordagem metodológica*, este trabalho está se referindo ao método de aproximação pelo qual se opta para lidar com o aconselhamento. As abordagens mais conhecidas na atualidade são: a *abordagem diretiva confrontativa*, a *abordagem não diretiva centrada no cliente*, a *abordagem participativa centrada nas necessidades psicológicas do aconselhado*, a abordagem de apoio centrada na libertação e no crescimento, a *abordagem interpretativa centrada na psicanálise*.

Inicialmente, será desenvolvida uma análise detalhada de cada uma dessas abordagens.

Dessa forma, o artigo procura examinar as atuais abordagens metodológicas que influenciam o aconselhamento pastoral, e que indicam o relacionamento e a maneira de intervir do conselheiro com o aconselhado. Além da percepção dos aspectos fundamentais e teóricos do aconselhamento, avaliar as abordagens de aproximação é de suma importância para o processo do aconselhamento pastoral, visto que esta afetará positiva ou negativamente a atividade de ajuda.

Quanto à metodologia deste trabalho, será a bibliográfica. Serão analisadas as obras de autores importantes de cunho bíblico-teológico, em busca de uma metodologia de aproximação do aconselhado que faça jus às questões teológicas. A obra de Roger Hurdling F., *A árvore da cura: fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral* (São Paulo: Vida Nova, 1995).

Nessa primeira parte, como já foi dito, procura-se analisar as principais abordagens metodológicas atuais que influenciam o processo do aconselhamento pastoral, com breve avaliação das mesmas.

1 AS ABORDANGENS METODOLÓGICAS ATUAIS

As abordagens metodológicas atuais no aconselhamento e na psicoterapia, de uma forma ou outra, procuram contribuir na mediação de conflitos e enfrentamento dos problemas; contudo, algumas abordagens acabam se conflitando em alguns pontos com os princípios bíblicos trazendo prejuízos. Vejamos isso por meio de uma análise cuidadosa das mesmas:

1.1 ABORDAGEM DIRETIVA CONFRONTATIVA

O *método diretivo* é aquele no qual a responsabilidade cabe, em maior escala, ao conselheiro que é visto como um orientador, ou *expert* no assunto e no processo. O conselheiro é quem dirige a entrevista e todo o processo de aconselhamento; neste método, na maior parte do tempo, o conselheiro fala e o aconselhando ouve. Nesse sentido, o

[...] conselheiro é visto como perito que faz o diagnóstico e a análise do problema, às vezes define ou categoriza o comportamento, e decide sobre soluções para o problema do aconselhamento e, de várias maneiras, comunica estas soluções ao aconselhamento (COLLINS, 2002, p. 154).

1.1.1 Skinner e a Terapia Comportamental (Behaviorismo)

Skinner (1904-1990) é considerado o pai do behaviorismo radical, com a teoria do comportamento operante, a partir da qual acreditava que seria possível modelar todo comportamento humano. O homem é considerado como uma máquina que se pode controlar

e conduzido em um processo de modelagem dirigido pelo terapeuta ou educador. (HURDING, 1995). Por meio de reforçamento positivo, de forma especial, alcança-se a modelagem do comportamento desejado. O processo é completamente dirigido pelo terapeuta.

1.1.2 Ellis e a Terapia Racional Emotiva

De acordo com Ellis (1973, *apud* COLLINS, 2002, p.154) e sua teoria (RET – Terapia Racional Emotiva), “[...] não devemos perder tempo com os sentimentos e as ações. Pelo contrário, devemos focalizar nossa atenção no pensamento; devemos ensinar as pessoas a controlar seu destino por meio de aprender a pensar mais racionalmente.” Na sua teoria, Ellis

Encoraja os conselheiros (mais do que os aconselhados) a dirigir a maior parte da Conversação, a desafiar diretamente as ideias que o aconselhando tem acerca de si mesmo ou do mundo, e, se necessário, argumentar, ridicularizar, ordenar, ou até mesmo xingar o aconselhando a fim de alterar seu modo de pensar. (ELLIS, 1970 *apud* COLLINS, 2002, p.154).

O conselheiro que tem o hábito de trabalhar apenas dando conselhos, falando, direcionando, emitindo sua opinião particular, nem sempre ajuda as pessoas que sofrem; ao contrário, mais comumente aumenta sua dificuldade e causam frustrações.

Os objetivos do conselheiro e os do aconselhando, nesse caso, são diferentes entre si e se chocam. Enquanto o sofredor quer a solução de seus problemas, o conselheiro pensa que tem o direito de falar sozinho e apresentar a solução de sua própria maneira. Quem está precisando falar e expressar suas dores mais profundas (aconselhando) não está pronto para ouvir seu conselheiro, pelo menos nos primeiros encontros; e quem tem o hábito e entende que tem que falar e dar direcionamentos (conselheiro), toma o tempo falando e constringendo seu aconselhando.

1.1.3 Adams e o Aconselhamento Noutético

Jay E. Adams (1929 -) foi deão do Instituto de Estudos Pastorais e professor de teologia prática a convite do Seminário Teológico de Westminster, na Filadélfia, Estados Unidos. É uma figura influente entre os conselheiros evangélicos nos dois lados do Atlântico, voltados para o Aconselhamento Noutético; graduou-se em Teologia com especialização em Homilética e Oratória; e foi pastor em vários ramos da Igreja Presbiteriana da Pensilvania e de Nova Jérsei. (HURDING, 1995).

Adams frequentemente se refere ao objetivo geral na ajuda aos outros como o de ‘mudança bíblica’. Reconhecendo-se que todo homem, mulher ou criança que busca conselho pertence ou ao reino da luz ou ao reino das trevas’, então a ‘mudança bíblica’ significa o processo de santificação, para os que pertencem ao primeiro, e a realidade da conversão, para os do segundo. (HURDING, 1995, p. 320).

No aconselhamento para o cristão, a ‘mudança bíblica’ é compreendida principalmente como o processo de santificação. Desenvolve-se um relacionamento onde há uma confrontação amorosa, nesse relacionamento, “[...] O amor é visto como um ‘relacionamento condicionado pela observância responsável dos mandamentos de Deus’”. (Adams, *apud*, Hurding, 1995, p. 320). A ‘mudança bíblica’ é crida e esperada com base na confiança em Deus. Outro objetivo do aconselhamento, conforme Adams, é a completa dependência do Espírito Santo, considerando que conselheiros não mudam as pessoas pois essa é uma obra de Deus. Da mesma forma, os conselheiros devem ter plena consciência de que são instrumentos importantes nessa dependência da obra do Espírito Santo.

Adams também destaca que, neste processo, a obra do Espírito Santo está totalmente relacionada à Palavra de Deus. Para ele, a Bíblia é o fundamento de todo aconselhamento verdadeiramente cristão pois, como Paulo afirma: “Toda escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm 3.16).

Segundo Adams (*apud*, Hurding, 1995, p. 321), esses dois alicerces, a Bíblia e o Espírito Santo, estão inextricavelmente vinculados, uma vez que o Espírito Santo emprega sua palavra como meio principal pelo qual os cristãos podem crescer em santificação. No entanto, Hurding observa que o Aconselhamento Noutético apresentado por Adams é bastante diretivo com tendências autoritárias. O Conselheiro, nessa abordagem, dirige o processo, inclusive como disciplinador, confrontativo e às vezes com tendências punitivas, visto que nessa *abordagem diretiva*, conforme Adams, o aconselhado pode ser dispensado se ele não fizer todas as tarefas designadas pelo conselheiro. “Se um paciente se recusa a cumprir a vontade de Deus, a melhor coisa que o centro aconselhador pode fazer é despedi-lo, ou então, nas situações necessárias, informar a seu pastor”. (HURDING, 1995, p. 323).

Para Adams (2003), o aconselhamento, na forma de orientação diretiva, era prática universal nos tempos bíblicos. Logo, expor o cliente à palavra autorizada de modo diretivo é desafiar ao processo de mudança bíblica; isso faz parte do discipulado pessoal e, por consequência, da possibilidade de disciplina da igreja.

Dessa forma, observa-se que o aconselhamento de Adams favorece o estilo mais diretivo e admoestador diferente daqueles modelos mais reanimadores e consoladores. Adams tomou os termos gregos *noutheo* e *nouthesia*, utilizados nas Escrituras com o sentido de aconselhar, admoestar, confrontar, exortar, a fim de propor um método de aconselhamento, que tem seus méritos. Contudo, Hurding observa que a tendência de Adams de apresentar seu estilo confrontador, diretivo e autoritário de aconselhamento como o método bíblico por excelência é que deve se questionar, visto que a Bíblia fala, também, de confortar, apoiar, consolar e encorajar dentre outros aspectos que vão além de confrontação diretiva. Ser muito diretivo, pode levar o conselheiro a precipitações tanto no diagnóstico como nas intervenções e também a ser autoritário, sempre agindo como aquele que conhece toda verdade e todos os problemas, como também todas as soluções, dando a impressão que o aconselhando nada sabe e nada tem a contribuir com sua própria batalha. Nessa perspectiva, o aconselhando pode ficar quase à margem do processo de análise.

1.2 ABORDAGEM NÃO-DIRETIVA CENTRADA NA PESSOA

No *aconselhamento não-diretivo* centrado no cliente, o indivíduo é o foco, o conselheiro é um facilitador do processo. O objetivo principal é ajudar o indivíduo a ser independente e obter amadurecimento que lhe ajude a resolver possíveis problemas que esteja enfrentando ou que possam aparecer no futuro.

O mais expressivo representante dessa abordagem é Carl Ransom Rogers (1902-1987). Rogers foi um psicólogo estadunidense atuante na terceira força da psicologia e desenvolvedor da Abordagem Centrada no Cliente. Um dos destaques de sua proposta está na importância da relação da pessoa e do terapeuta, que são iguais e não possuem posição de hierarquia.

Rogers, de certa forma, é filho do seu tempo. A humanidade estava influenciada pelo clima cultural predominante em seus dias, isto é, por uma tendência crescente de otimismo quanto ao poder que homens e mulheres, como indivíduos, têm de transformar para melhor tanto a sociedade quanto a si próprios. Afirmaram sobre ele que, “expressou uma ideia cuja época chegara”, e não resta dúvida de que sua impressionante popularidade se relaciona ao momento do destaque que dispensou ao “primado do indivíduo na vida humana, agora não como um ideal, mas como um programa, primeiro como um programa terapêutico e finalmente como um programa social”. (HURDING, 1995, p.132).

De acordo com as crenças de Rogers, todos os homens e mulheres possuem dentro de si os recursos para uma mudança construtiva, uma tônica fortemente humanista. Embora reconheça haver “sentimentos hostis e anti-sociais” dentro das pessoas, Rogers declara que eles não existem nos níveis mais profundos e mais fortes da natureza humana.

Hurding (1995, p. 132), apresenta um resumo dos objetivos do aconselhamento de Rogers, e destaca que, ao longo dos anos, houve mudanças e desenvolvimentos em sua teoria e prática. Pode-se acompanhar a fluidez de suas ideias a partir de seu aconselhamento não-diretivo na década de quarenta, com o destaque à não-interferência do conselheiro, passando pela terapia centrada no cliente, da década de cinquenta, com ênfase no relacionamento terapêutico, e indo até a visão centrada na pessoa, das décadas de sessenta e de oitenta.

Em relação aos seus métodos, Rogers adotava uma posição de não-interferência, afirmando que tudo de que o cliente precisa é de um facilitador, o qual deixará que a pessoa necessitada atinja o *insight* de sua própria condição. Por essa razão, excluem-se todas e quaisquer palavras de conselho, adulação, sugestão, interpretação, orientação, desafio, confrontação e persuasão. (HURDING, 1995). Para Rogers, é por meio dessa não-diretividade que o cliente encontra espaço para reconhecer e manifestar emoções e, conforme já descrito, caminhar em direção a conceitos mais válidos acerca de si mesmo. Segundo Collins (2002, p. 155), “O conselheiro no aconselhamento não-diretivo é uma pessoa que facilita e estimula o orientando a resolver seus próprios problemas, criando para

isso um ‘ambiente permissivo’, em que ao mesmo tempo em que ocorre a solução do problema há também o ‘crescimento pessoal’”. Com isso, no aconselhamento não-diretivo de Rogers, o conselheiro procura lidar com o cliente como pessoa e não como um problema, procurando propiciar a ele maior autonomia e amadurecimento para alcançar seus objetivos pessoais.

Ao se examinar as pressuposições, os objetivos e os métodos de Carl Rogers, numa avaliação crítica, percebe-se que a sua metodologia é firmada naquilo que ele crê a respeito da natureza humana como tendo todos os recursos para solução de problemas. Sabe-se que essa perspectiva influencia todos os aspectos práticos, visto que qualquer coerência entre teoria e prática exige que seja assim. Conselheiros cristãos, portanto, devem ser críticos tanto com a teoria de Carl Rogers como com a correspondente prática não-diretiva centrada na pessoa. Segundo as Escrituras, o ser humano, no mais profundo do seu ser está contaminado pelo pecado, sendo incapaz de compreender, por si mesmo, o seu real estado bem como a maravilhosa graça de Cristo.

1.3 ACONSELHAMENTO PARTICIPATIVO CENTRADO NAS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS

1.3.1 Gary R. Collins, diálogo amistoso e participativo em busca de suprir necessidades psicológicas

Gary Collins (1943-), psicólogo americano com doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de Purdue, é também escritor e conferencista. Ele propõe trabalhar dentro de uma cosmovisão cristã, integrando aspectos da Psicologia com as Escrituras Sagradas. Ele tem, como pressuposto, que o coração do ser humano é motivado por necessidades ou desejos de desenvolver uma atividade ou causar um impacto no mundo, e por necessidade de relacionar-se de modo amoroso com outros.

Com este pressuposto, Collins opta pela *abordagem participativa* para o aconselhamento. Nessa abordagem, ambos – conselheiro e aconselhando – falam em diálogo amistoso e participativo. Os dois são ativos porque ambos falam, e são também passivos, porque ouvem igualmente um ao outro na busca de que necessidades sejam supridas. É importante ser sensível e usar todas as técnicas disponíveis para fazer com que o aconselhando se sinta à vontade, mas, ao que parece, são as características pessoais do

conselheiro que propiciam o estabelecimento de uma relação terapêutica eficaz: o calor humano, a sinceridade e a empatia. (COLLINS, 2004).

Na sua compreensão, o conselheiro precisa conhecer para entender melhor o comportamento humano, tendo uma perspectiva mais clara sobre as bases bíblicas do aconselhamento, e desenvolver as habilidades necessários para o trabalho do conselheiro. O problema de Collins é que acaba contando mais com a Psicologia do que com a Bíblia para a compreensão do ser humano e seu comportamento. Falar de necessidades de propósito e necessidades relacionais, e limitar o comportamento humano à esfera social, como se a Bíblia não falasse mais amplamente sobre o ser humano e as motivações de seu coração, é um grande equívoco.

Essa tendência, portanto, de definir a natureza humana com relação ao próprio homem e não a Deus, e de compreender o coração em si mesmo, faz com que o aconselhamento pretensamente bíblico seja um processo de apoio para suprimimento de necessidades sociais do ser humano. Portanto, a *abordagem participativa* de Collins e outros conselheiros cristãos fica limitado por seu pressuposto que limita a compreensão do coração humano e suas motivações, ao negligenciar os aspectos relacionados diretamente com Deus, os quais, de fato, fazem a diferença no viver.

1.4 A ABORDAGEM DE APOIO CENTRADA NA LIBERTAÇÃO E NO CRESCIMENTO

De acordo com Clinebell, espera-se, na poimênica e no aconselhamento de apoio, que o pastor use métodos que alicercem, estabilizem, alimentem, motivem ou orientem pessoas atribuladas, capacitando-as a manejar seus problemas e relacionamentos mais construtivamente. Isso deve acontecer, dentro dos limites que lhes são impostos pelos recursos de sua personalidade e pelas circunstâncias. A natureza do aconselhamento de apoio torna-se mais clara quando é contrastado com métodos de ajuda voltados para a descoberta e orientados para os *insights* (estes métodos também são chamados de psicoterapia pastoral). Estes últimos visam mudanças básicas da personalidade, que ocorrem descobrindo e lidando com aspectos anteriormente ocultos de nós mesmos e de nossos relacionamentos atuais. Seu objetivo é ajudar as pessoas a obterem força e perspectiva para usarem seus recursos psicológicos e interpessoais com maior eficácia, ao enfrentarem criativamente sua situação de vida. (CLINEBELL, 1987, p. 165). A participação do aconselhando é de suma

importância, a menos que ele esteja tão debilitado que não possa ajudar em nada no processo.

Nessa perspectiva o que prevalece no ser humano é um potencial para crescer. Todo ser humano tem este potencial, só precisa de ajuda para manejá-lo. O Aconselhamento Pastoral deve capacitar as pessoas para gerenciarem seus problemas e relacionamentos mais produtivamente. Cleinebell firma-se em um pressuposto próximo ao de Carl Rogers em relação à visão do ser humano. Como Rogers, ele assume que, não houve algo como o que a teologia tradicional chama de ‘morte espiritual do homem’, afetando todo o seu ser, contudo, ele não chegou ao ponto de aceitar que o ser humano tem bondade intrínseca. (HURDING, 1995).

Verificar os recursos da personalidade e as circunstâncias é importante, mas não pode servir de limites para a atuação do conselheiro bíblico. O que limita tudo no aconselhamento bíblico é a própria verdade de Deus revelada na Bíblia, não os recursos da pessoa ou as circunstâncias; neste caso, a participação do aconselhamento se torna um desafio, pois tende para o aconselhamento não diretivo centrado no aconselhando, pois, de qualquer forma, acredita que a pessoa tem um potencial próprio, doado por Deus, para o seu crescimento que não foi afetado pela queda, necessitando apenas de aprendizado para manejá-lo.

1.5 A ABORDAGEM INTERPRETATIVA CENTRADO NA PSICANÁLISE

Há duas perspectivas de se ver a abordagem metodológica interpretativa. A primeira seria a *perspectiva psicológica secular*. Nessa perspectiva busca-se interpretar os eventos de forma realista, visto que todas as pessoas tendem a interpretar eventos do passado de forma não realista; a base da “realidade” nesse ponto de vista é aquilo que se interpreta do ponto de vista humanista.

1.5.1 Freud e a interpretação na Psicanálise

Na *terapia psicanalítica* procura-se contribuir com o paciente, para que conheça melhor seu inconsciente e compreenda em profundidade a real situação na qual encontram as causas dos seus problemas. Freud procurava, por meio de uma escuta paciente e dedicada, fazer a análise de forma não diretiva nem autoritária. Por isso, na Psicanálise, o terapeuta interpreta os fatos fazendo a associação livre, ou seja, estimula que o paciente fale de forma espontânea sem muitas intervenções do terapeuta. A base dessa interpretação são os pressupostos humanistas de Freud que considerava o homem um ser em evolução.

(HURDING, 1995). Para ele, em poucos anos o ser humano estaria se libertando da ideia de um pai necessário (Deus) e, assim, a humanidade chegaria a uma idade madura e os homens estariam livres e capazes de dirigir seu próprio destino.

A resposta forjada por Freud para compreender esse ‘novo problema psicológico’ está assentada sob a noção de ilusão e sua correlação com o sentimento de desamparo infantil e o complexo paterno. As ideias religiosas têm tanto vigor porque ‘são ilusões, realizações dos mais antigos e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos’ (FREUD, 1927/1996, p.39 *apud* MOREIRA; PINTO, 2012, p. 391).

É importante lembrar o pensamento de Freud sobre a religião, ele negou a existência de Deus, e a necessidade de uma fé sobrenatural. A sua terapia psicanalítica, portanto, é centrada nela mesma, em sua teoria e pressupostos, numa perspectiva humanista. O processo da Psicanálise se resume à tentativa de ajudar o paciente a trazer à tona as necessidades não supridas por meios das técnicas humanistas de Freud, com o propósito de superação de traumas e a busca por uma maneira coerente para se viver de forma socialmente aceitável. Segundo Hurding, (1995, p. 84), “O objetivo de todo esse esclarecimento é ajudar o paciente a lidar com o verdadeiro eu, ao permitir que lembranças, desejos, pensamentos e atitudes reprimidos aflorem à consciência.”

O abandono de Deus e da revelação bíblica faz com que Freud e seus amigos, com a intenção de chegar a níveis mais profundos dos problemas das pessoas, acabem ficando em um ponto muito distante do real estado das pessoas, pois é impossível chegar no âmago das questões mais profundas do ser humano sem a perspectiva bíblica. Da mesma forma, acreditar em uma maturidade existencial negligenciando o Criador, sua revelação e sua graça, segundo a Psicanálise e outras escolas da Psicologia, torna-se apenas uma tentativa ilusória na busca de sentido da vida. O positivismo de Freud em relação ao ser humano e suas possibilidades é inconsistente.

Para Freud, algumas pessoas passaram por situações complexas e ficaram com graves traumas do passado (por necessidades libidinosas da primeira infância não satisfeitas), que afetam suas vidas no presente (Hurding, 2015, p. 92). A terapia psicanalítica pode ajudar na análise do problema até certo ponto, e ajudar a focar em uma maneira lícita de suprir essas necessidades, ou até mesmo a sublimá-las com técnicas psicológicas, no entanto, não alcança as reais e mais profundas questões existenciais do coração humano afetado pelo pecado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser um conselheiro eficaz continua sendo um dos grandes desafios da atualidade. Para isso acontecer é necessário certos conhecimentos e atitudes adequados para a tarefa de aconselhar. Os principais conhecimentos estão relacionados à Bíblia, como palavra de Deus, que apresenta o conselho do Senhor como fundamento para a prática do aconselhamento pastoral. Sem a crença e a apropriação dos ensinamentos das Escrituras, e sem a presença e a graça do Criador, nosso aconselhamento estará muito longe das questões essenciais da vida.

O conselheiro não pode simplesmente se colocar como um ouvinte facilitador como na *abordagem não diretiva centrada no cliente*, proposta por Carl Rogers, ou como alguém que faz um processo de apoio ao aconselhado no manejo de seu potencial próprio para a libertação e crescimento. Sabe-se, pelas Escrituras, que o ser humano não pode ser visto como tendo toda capacidade própria para resolver seus problemas. Ele precisa de uma direção centrada nas Escrituras e não em si mesmo.

No entanto, o modelo de Adams tem a desvantagem de ver o conselheiro dirigindo o processo como um disciplinador autoritário, com possíveis tendências julgadoras e punitivas. Ainda que não se possa acusar Adams disso, muitas vezes conselheiros noutéticos inclinaram-se a ouvir muito pouco os aconselhados com tendências impacientes e julgadoras. Tudo isso, com possíveis tendências de se induzir os aconselhados ao desânimo, visto que não são pouco ouvidos, e não envolvidos na interpretação da sua própria vida.

De fato, é preciso ter cuidado com a rebeldia humana e não alimentá-la. No entanto, é preciso reconhecer que os aconselhados certamente terão recaídas no processo de mudança e crescimento e que tais recaídas não podem ser compreendidas como rejeição da vontade de Deus, levando o conselheiro a rejeitá-los, dispensando-os.

No aconselhamento participativo, não ficou claro qual o centro do aconselhamento, Deus ou o ser humano. Se isso não fica claro, a tendência é de ser um modelo, ou abordagem metodológica também humanista, visto que, pelo menos, em parte, está centrado nas necessidades psicológicas humanas. Nesse tipo de participação, portanto, parece que se acredita na importância de se buscar os recursos humanos do aconselhado firmados em si mesmo. Nesse processo de ajuda, pode-se facilmente deixar de se ter como centro as

Escrituras Sagradas. O aspecto relacional é importante, mas o relacionamento conselheiro e aconselhado deve ser movido pela centralidade de Deus e sua palavra que apontam para as necessidades espirituais do ser humano carente da graça de Deus, e não apenas para as necessidades psicológicas.

Dessa forma, observa-se que o aconselhamento de Adams favorece o estilo mais diretivo e admoestador diferente daqueles modelos mais reanimadores e consoladores. Adams fez das palavras gregas *noutheo* e *nouthesia*, a fim de propor um método de aconselhamento, que tem seus méritos. Contudo, Hurding observa que a tendência de Adams de apresentar seu estilo confrontador de aconselhamento como o método bíblico por excelência é que deve se questionar, visto que a Bíblia fala também de confortar, apoiar, consolar e encorajar dentre outros aspectos que vão além de confrontação diretiva. Por isso, é preciso ir além do que até aqui foi tratado e buscar por uma abordagem mais consistente com as Escrituras Sagradas. Isso será feito no artigo que há de ser publicado em uma próxima edição da revista.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Tradução de João Ferreira Almeida. Ed. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- ADAMS, Jay E. **Conselheiro capaz**. São Paulo: Fiel, 2003.
- CLINIBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**, tradução de Walter O. Schlupp e Luis Marcos Sander. 5ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2011.
- COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. São Paulo: Vida Nova. 1982. (Reimpressão, 2005).
- COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- MACARTHUR, John Jr. MACK, Wayne. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. Niterói: Editora Hagnos. 2008.
- MOREIRA, Claudia Maria Silva, PINTO, Jeferson Machado. Para além da ilusão: o real. **Revista Ágora** (Rio de Janeiro) v. XV número especial dez 2012 389-404. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v15nspe/a03v15nspe.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- POWLISON, David. **Uma nova visão: o aconselhamento e a condição humana através das lentes da Escritura**, São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2010.

POWLISON, David. Crítica aos integracionistas atuais. **Coletâneas de Aconselhamento Bíblico** – Vol.1. Tradução e adaptação de artigos de The Journal of Biblical Conseling. Atibaia. SP: Coordenação Editorial Seminário Bíblico Palavra da Vida. 1999.

DONALD, Price E. **Os desafios do aconselhamento pastoral**. Tradução de Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2002.

HYBELS, Bill. **Quem é você quando ninguém está olhando?** Belo Horizonte: Betânia, 2000.

HURDING, Roger F. **A árvore da cura: fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SCHEEFFER, Ruth. **Aconselhamento psicológico: teoria e prática**. São Paulo: Editora Atlas, 1985.

SHEEFFER, Ruth. **Teorias de aconselhamento**. São Paulo: Editora Atlas, 1986.